

# Gestão da indisciplina na Educação Física escolar

Orientações pedagógicas para  
a prática docente



**Rafael Henrique Custódio**

Orientador: Ademir Testa Júnior

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

2026

Rafael Henrique Custódio  
Orientador: Ademir Testa Junior

# Gestão da Indisciplina na Educação Física escolar

Orientações pedagógicas para  
a prática docente



UFSCar - São Carlos  
2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Custódio, Rafael Henrique

Gestão da indisciplina na educação física escolar  
[livro eletrônico] : orientações pedagógicas para a  
prática docente / Rafael Henrique Custódio ;  
orientador Ademir Testa Junior. -- São Carlos, SP :  
Ed. do Autor, 2026.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-02-08660-5

1. Educação física 2. Indisciplina escolar  
3. Pedagogia 4. Prática de ensino I. Testa Junior,  
Ademir. II. Título.

26-357521.0

CDD-371.58

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Indisciplina e disciplina escolar : Educação  
371.58

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

## Sobre este Ebook

Este ebook foi planejado a partir da dissertação de mestrado do aluno Rafael Henrique Custódio do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física – PROEF, com orientação do Prof. Dr. Ademir Testa Junior intitulada “Percepção de alunos e do professor sobre a indisciplina nas aulas de educação física e possibilidades de ação” tendo como público-alvo professores de Educação Física da educação básica.

O que este livro entrega ao leitor?

O livro tem como objetivo aprofundar a discussão sobre a indisciplina nas escolas, oferecendo um guia prático que visa combater o problema de maneira a atender professores e alunos durante o processo, abordando causas, metodologias e o processo avaliativo, comparando-os com as experiências vividas pelo pesquisador durante a execução do projeto.

## Sumário

Sobre este Ebook.....	3
A Indisciplina nas escolas .....	5
Não há recorte ou classe social que não sofra com a indisciplina .....	6
Os alunos como parte do processo .....	9
As metodologias de ensino abertas .....	14
Resolução de problemas .....	14
A conscientização no processo de avaliação .....	16
As aulas e algumas explicações sobre elas.....	20
Conclusões .....	24
Um breve guia prático .....	26
Passo 1: Escolha da metodologia .....	26
Passo 2: Defina os problemas de indisciplina a serem enfrentados .....	27
Passo 3: Crie uma forma de avaliar o enfrentamento a estes problemas.....	27
Passo 4: Utilize ferramentas para ajudar os alunos a alcançarem os objetivos .....	29
Sequência Didática .....	33
Por fim.....	39
Referências: .....	40

## A Indisciplina nas escolas

A indisciplina nas escolas persiste como uma das maiores mazelas da educação escolar. Não é um fenômeno novo e tampouco reflete as transformações da escola contemporânea.

É um problema de saúde para o professor, um problema de aprendizagem para a escola e um problema que indica afastamento e pouco pertencimento à escola para o aluno, o que indica que deve ser constantemente analisado e enfrentado em suas nuances e possibilidades possíveis.

Desde a década de 1980, estudos apontam que a indisciplina é apontada como a maior causa de frustração entre os professores, a principal causa de estresse, a principal fonte de desgaste e um dos fatores para o abandono prematuro da profissão.

Por que, então, não trabalhamos para resolver o problema? A resposta para mim, é bem clara: o problema é muito complexo para ser resolvido e as visões dos participantes da escola observam suas questões num sistema de micro visão: Muitos professores que muitas vezes, trabalham de maneira dobrada para almejar o mínimo retorno financeiro, só querem dar o conteúdo programático e sobreviver a todas as pressões que existem, a escola/sistema de ensino só quer que as notas sejam maiores, que os índices melhorem, independente do ser humano que vem se formando e, os alunos, por fim se sentem deslocados em uma escola que não reflete a realidade em que vivem, se sentem escanteados dentro de um sistema que os vê somente como uma nota no SAEB, no ENADE, no Enem...

Se cada um continuar a focar apenas no que se interessa, ficará cada vez mais difícil de resolver. Para ver como o problema é sério: Um estudo da OCDE demonstra que o professor demora muito mais tempo que um professor de um país desenvolvido. Enquanto conseguimos 2/3 das aulas para atividades de ensino-aprendizagem, a média da OCDE é de aproximadamente 4/5 das aulas voltadas para o mesmo fim.

Repare: a capa deste ebook é um professor em roda com seus alunos. Acredito que seja uma das primeiras formas de enfrentamento da indisciplina que encontramos. Em roda conseguimos explicar, dar recados e organizar nossa aula para que esta saia da melhor forma possível. Não só isso, a roda permite que os alunos se olhem e possam

participar do diálogo. O professor interessado tende a procurar soluções para os problemas de suas aulas, então por que não o fazer de maneira menos instintiva e mais estruturada?

Para isto, então, é importante levantar os fatores, mesmo que mudem de realidade para realidade e procurar uma solução, mesmo que parcial para o problema.

## Não há recorte ou classe social que não sofra com a indisciplina

No estudo, escolhi estudar a indisciplina por surgir o seguinte questionamento: Por que não consigo dar as mesmas aulas, com a mesma qualidade que consigo em escolas ditas como escolas centrais ou escolas modelo? Como professor há 10 anos, ministrei aulas em múltiplos contextos, evidenciando as dificuldades em se dar aula em locais mais carentes. Quando iniciei na profissão, sonhei com a possibilidade de colaborar para mudar realidades, de ser o professor que vai ser lembrado quando velho, estar fazendo compras no mercado e um aluno me chamar, para mostrar como os estudos o ajudaram a se tornar um cidadão bem sucedido, em todas as áreas.

Acontece que, muitas vezes, a rotina te atropela, você leva o trabalho para casa, se preocupa com andamento das aulas, tira dinheiro do seu bolso, para muitas vezes, não se sentir valorizado em todo o seu esforço, seu trabalho até tarde da noite, as aulas preparadas que os alunos não valorizaram, o muito obrigado que não vem do gestor e, de repente, aquele professor que sonhava com o exercício da profissão, se vê derrotado, sem a valorização, sem o dinheiro, estressado e passa a entender, porque professores com as maiores pontuações tendem a não ficar em escolas periféricas: há menos fatores que contribuem para a indisciplina nas escolas centrais. A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) aponta que a indisciplina é pior de fato em escolas periféricas, bem como o abandono discente, resultando na falha do alcance das aprendizagens objetivadas.

Esta situação faz com que o sistema reproduza as mazelas sociais já existentes nestes recortes sociais, aprofundando as diferenças econômicas e sociais no nosso país.

Dos Santos Barbosa da Silva e Kasseboehmer (2023) estudaram a relação dos alunos com a disciplina de química em escolas da região periférica e central da cidade de São Carlos. Entre os fatores que foram identificados pelos autores, o perfil social dos

estudantes e o perfil das escolas tinham influência no ensino da matéria, sendo que na escola suburbana, os alunos são percebidos como tendo dificuldades de aprendizagem e recebem explicações limitadas sobre conceitos científicos durante as aulas, enquanto na escola localizada no centro da cidade, os estudantes são educados em uma cultura amplamente focada em conquistas acadêmicas, intensa competitividade e valorização da individualidade.

Isto nos leva ao primeiro ensinamento que tive como professor ao estudar a indisciplina: Como professor, não posso aceitar que a cultura escolar e que o perfil social dos alunos influencie em como devo ensinar. Se desejo mudar esta situação, devo fazer uma leitura mais profunda, identificando os problemas e buscando soluções, sem me influenciar pelo que a realidade escolar impõe.

Apesar disto, o fenômeno da indisciplina não atinge apenas a escola pública, periférica e, em muitos casos, sucateada. Cada fator esconde uma complexidade, tornando a indisciplina um fator que pode ocorrer em qualquer realidade. Boarini (2016) produziu um capítulo chamado: “a indisciplina não tem nacionalidade, endereço ou classe social” onde aponta a partir de matérias e informações de conhecimento público, atitudes de indisciplina em escolas de alto padrão aquisitivo. Portanto, o problema é mais profundo que apenas taxar este como uma questão puramente social, seja da escola ou do estudante.

Pessoalmente, foi um ânimo saber que a indisciplina não é apenas um problema de escolas periféricas, no sentido de que se não é puramente dinheiro, há coisas que posso fazer para amenizar o problema, para mim neste ponto, é uma questão de saúde e sobrevivência na profissão.

Jacobs et al (2018) em seu estudo aponta que existem dois grupos principais de fatores: os psicossociais e os pedagógicos. Como os psicossociais temos a família, a mídia, a diversidade cultural, distúrbios de atenção e carência afetiva. Como pedagógicos temos a falta de regras, a proposta pedagógica do professor, o sistema educacional e a escola.

Cada elemento destes tem uma complexidade enorme, e muitos deles fogem aos esforços que o professor pode fazer. Já nos elementos pedagógicos, há trabalho a ser feito e o professor parcialmente pode resolver principalmente aqueles que tem relação

com o exercício da profissão e é nisto que a minha dissertação de mestrado focou investigar.

O que eu seria possível desenvolver que pode melhorar a indisciplina nas minhas aulas? De que forma?

Este Ebook, no entanto, não vai focar apenas no meu processo interventivo ou apenas apresentar uma receita pronta: Quero apresentar o que aprendi no processo para que o professor que se interessar, possa ter um ponto de partida para suas intervenções. Assim como acredito que o melhor método para a montagem do currículo seja o professor criar a partir das percepções que possui acerca da realidade com que trabalha, acredito que os métodos de enfrentamento sejam de responsabilidade do professor escolher qual o melhor para a sua realidade.

É bem simples: Fatores de indisciplina serão sempre os mesmos em uma cidade pequena do interior, de uma cidade média praiana e de uma metrópole? Seria ousadia pensar que um só currículo daria conta de todas as realidades, bem como as formas de se enfrentar a indisciplina.

Desta forma, apresento um guia prático, mostrando os achados e discutindo as possibilidades que podem ser abordadas em cada passo para a montagem de uma estratégia de enfrentamento da indisciplina. A proposta também tem que ser clara: Se vamos trabalhar principalmente no campo de ação do professor, fatalmente não resolveremos todos os problemas, mas teremos um ambiente que seja mais saudável para trabalhar.

Afinal, a diferença de um professor que não dá aula - na nossa profissão comumente caracterizada pelo ato de “rola bola” e um professor que enfrenta o problema, buscando alternativas, têm o mesmo tempo para dar a aula e acredito que a opção mais saudável de exercer com dignidade a nossa profissão e preservar a própria saúde, seja enfrentando o problema com inteligência e análise sobre o que acontece em sua própria aula.

## Os alunos como parte do processo

Durante a investigação, percebi que deveria partir de um ponto diferente: Não deveria procurar por soluções baseadas em fatores que não poderiam ser os meus.

Tiba (1996) e Garcia (2009) apontam para outro caminho: O processo de disciplinar-se tem no aluno o seu principal componente. O ato de dominar-se deve partir do aluno a medida em que ele percebe que seus comportamentos são inadequados.

Obvio, o aluno talvez não perceba sozinho, talvez esteja mergulhado em uma realidade onde seus comportamentos não são orientados, as vezes até mesmo comportamentos de indisciplina podem configurar uma necessidade de defender-se. Imagine que o fato de responder de forma ríspida ou mesmo com palavrões possa ser uma forma de antecipar-se de agressões verbais em outros espaços que não somente na escola. O aluno acaba condicionando o seu comportamento a uma necessidade de sobrevivência em um espaço onde ele não pode parecer fraco, a risco de sofrer com todo o tipo de violência.

Um exemplo disto é o Bullying: Apontado como fator do afastamento do aluno da escola no estudo da OCDE (2021). Muitas vezes o aluno não provocou, não brigou ou mesmo respondeu aos “bullys” que o sujeitam a toda sorte de humilhações. Isto, no entanto, não foi suficiente para que ele se visse livre desta situação. Os valentões geralmente percebem fragilidades e atacam neste ponto, tentando deixar a vítima cada vez mais fraca mentalmente e suscetível às suas investidas.

Neste caso, o aluno que é violento, verborrágico, desafiador talvez o faça para não se tornar alvo, como maneira de se antecipar à violência alheia. Por isto, é muito importante que o enfrentamento ao Bullying aconteça na escola.

Claro, ao “fazer a leitura” desta situação, não considero que estes comportamentos sejam justificáveis no meio escolar, porém ao saber da raiz dos problemas de indisciplina enfrentados na sua escola/turma, o trabalho de enfrentamento se torne mais efetivo, é preciso primeiro saber ler o contexto para assim agir de forma a causar transformações.

Agora imagine, um professor que só solta a bola, sem propor suas aulas de maneira pedagógica, iria combater este tipo de coisa?

Cabe então ao professor buscar um ambiente saudável em suas aulas, onde questões que geram o afastamento ou a indisciplina na escola sejam enfrentadas.

Este exemplo de aluno que tem comportamentos de indisciplina, seja qual for a sua motivação, fatalmente levará sua bagagem para a escola, para a educação física também como consequência. Talvez fique camuflado o problema caso o professor decida não enfrentar as questões em sala de aula que cita González (2021), afinal a educação física pode ser uma aula pela qual este espera a semana inteira. Mas talvez baste um confronto do professor para que o aluno ligue automaticamente seu comportamento desrespeitoso, mesmo que o professor tenha motivação puramente pedagógica.

Um outro ponto que gera afastamento e indisciplina segundo o relatório da OCDE é a baixa sensação de pertencimento à escola. O aluno não vê sentido em estar na escola, as relações pessoais com outros amigos são conflituosas, o professor muitas vezes se preocupa com as pressões que sofre para avançar no currículo, para preparar para provas e acaba se desconectando do fator humano que é sua relação com os alunos.

Este aluno que não quer estar na escola e que não vê sentido em estudar, fatalmente terá comportamentos de afastamento e indisciplina, talvez de forma infantil, ir obrigado à escola passar o tempo.

Reforço, não estou aqui responsabilizando o professor pela atitude do aluno, mas cabe a nós adultos, formados, indicar o caminho da mudança.

No estudo, percebi que trazer o aluno ao palco, explicar como a indisciplina atrapalha a todos e convidá-lo a resolver o problema de maneira conjunta, pode gerar o que Paulo Freire descreve como consciência.

Consciência para ele, era a relação homem-mundo. O homem ao se relacionar com os objetos do mundo, pode ou não mudar a forma como compreende este objeto a depender de sua intencionalidade ao se relacionar com ele.

Veja, o aluno que citei acima como exemplo, talvez não perceba que seu comportamento indisciplinado o prejudica, nunca tendo refletido sobre o tema para gerar uma ação intencionada a mudar. O professor então pode ter este papel, o colocando como agente de sua realidade e responsável por sua mudança.

No entanto, a simples conversa não parece ser o método mais eficiente, já que milhares de professores todos os dias, orientam verbalmente seus alunos, explicam as

consequências de não estudar, alertam quanto a vida adulta e mesmo assim não parece existir uma mudança drástica. O aluno talvez te veja como mais um adulto “dando bronca”.

Por isto, o professor precisa criar formas de fazer o aluno refletir sobre si próprio, a partir de ferramentas que podem ser uteis para a constatação do problema.

Um ponto interessante desta coisa de consciência, é que esta permite uma mudança mais verdadeira, pois vem de dentro para fora em um movimento que é feito pelo próprio aluno, indicando que de fato, aquele individuo se conscientizou com relação à indisciplina.

Uma preocupação do estudo foi buscar formas para que o resultado não fosse volátil ou reativo de forma superficial à minha intervenção. Eu bem que poderia dar 10 aulas das coisas que eles mais gostassem, trazer aulas que são incomuns e atrativas, tirando dinheiro do próprio bolso para que sejam experiências que normalmente um professor não entregaria no cotidiano escolar e aferir que resolvi os problemas de indisciplina daquela turma e quando voltassem as aulas “normais”, o aluno voltasse a demonstrar os mesmos problemas.

Portanto, resolvi partir para uma linha um pouco mais desafiadora: aplicar a intervenção em aulas com poucos materiais ou nenhum, com conteúdos comuns no currículo de um professor de educação física, para verificar se as mudanças surgiriam de maneira orgânica, pouco impulsionada pela experiência.

Mas ainda precisava resolver a questão do aluno sobre sua participação durante as aulas. Nos estudos, as metodologias ativas preveem uma maior participação do aluno, com o professor delegando funções, apresentando problemas e permitindo o aluno resolvê-las, de maneira que esteja responsável de maneira coparticipativa com relação ao sucesso da aula.

Mas como verificar estes resultados? Uma maneira é a autoavaliação, que demonstra grande potencial se o aluno de fato refletir sobre os pontos levantados.

Então a minha intervenção foi a seguinte: Em sala de aula, expliquei o problema da indisciplina, como ele deixa o cotidiano ruim e que iria montar uma autoavaliação, com os pontos que mais incomodavam, tanto a mim quanto a eles. Ficou então resolvido que por indisciplina seria tudo aquilo que me incomoda e que me impede de aprender mais.

O resultado foi surpreendente: Em comum acordo, compreendemos que as conversas paralelas atrapalhavam o andamento das aulas, que geravam stress e que acabavam por atrapalhar todo o aprendizado. Já nos pontos seguintes, os alunos tomaram a frente e apontaram coisas que o professor não percebia como sendo problemas que consideravam graves.

O primeiro ponto que levantaram foi a relação com o colega, sendo de caráter social. Alunos comumente se tratavam mal, o que fazia com que parte deles se sentisse desanimados em executar a atividade, desanimados em contribuir com aquele que a poucos minutos proferia ofensas a ele.

O segundo foi com relação a coletividade, que é mais ligado à execução das atividades em si. Os alunos relatavam que alguns alunos acabavam por monopolizar as ações do jogo, ficando mais com a bola ou participando de maneira egoísta, pensando pouco no grupo. Alunos relatavam a frustração em não participar das ações do jogo e como isto os desincentivava a continuar a atividade de forma engajada.

Foi interessante pois eles compreenderam claramente a definição que demos à indisciplina ainda no início da aula.

Como minha contribuição propus o cuidado com os materiais, que na verdade era mais do que isso, o aluno ao utilizar corretamente o material, conserva o mesmo e previne acidentes pelo mau uso. Pense, você orienta o aluno a pular corda e de repente quando olha novamente, este aluno está enrolando a corda no pescoço de outro amigo, prestes a puxar com toda sua força. Este aluno ao fazer mau uso do material, colocou a integridade de seu colega de classe em risco. Portanto, este ponto é compreendido mais como uma avaliação do aluno sobre regras básicas, sobre o cuidado com o material, mas também consigo mesmo e com o colega de sala. E quando não teve material? Ficou acordado que o material a ser considerado seria o próprio corpo, tanto o seu quanto o do outro, reforçando a ideia que ao se comportar corretamente, ele preserva a segurança de todos.

E por último, o professor propôs a aprendizagem, que seria destes, o mais subjetivo dos pontos de avaliação. Ele reúne a análise do aluno sobre os outros pontos com o conteúdo da aula, se este foi bom ou ruim. É de fato bem complexo, porém necessário.

A partir daqui a autoavaliação estava montada e seria necessário a partir das metodologias abertas, encontrar ferramentas que permitissem aos alunos resolverem essas questões levantadas.

## As metodologias de ensino abertas

Como dito anteriormente, as metodologias tem papel central no estudo: Elas devem promover a participação direta do aluno nas aulas, o convidando a ser corresponsável pelo sucesso ou fracasso desta. Ela também deve fornecer ferramentas para que o aluno enfrente de maneira ativa os problemas da aula e da indisciplina que foram apontados.

### Resolução de problemas

A metodologia baseada na resolução de problemas surgiu nas décadas de 1960 e 1970 na Universidade de McMaster, com a proposta de adequar o ensino às demandas formativas, promovendo aprendizagem ativa e participativa. Essa abordagem fundamenta-se em ações problematizadoras, nas quais professores e estudantes interagem para investigar temas e construir soluções, ampliando progressivamente a complexidade dos conteúdos. O método é compreendido como um processo investigativo voltado à resolução de situações sem respostas imediatas, sendo aplicável a diferentes contextos e áreas do conhecimento.

Para que a resolução de problemas seja efetiva, são necessários procedimentos como aquisição, interpretação, análise, organização e comunicação das informações, além de etapas que envolvem compreender o problema, planejar estratégias, executar o plano e avaliar resultados. Modelos como o SQCAAP e o OPP auxiliam na organização do pensamento investigativo, estimulando observação, reflexão e questionamento. Estudos indicam que essa metodologia favorece o pensamento crítico, a compreensão profunda e o uso significativo do conhecimento, promovendo maior desenvolvimento de estratégias de aprendizagem e elaboração de hipóteses.

Na Educação Física escolar, a resolução de problemas é associada ao ensino aberto e a uma perspectiva humanista, valorizando interesses, experiências e participação ativa dos estudantes. No espectro de Mosston e Ashworth (2008), o professor pode optar por uma metodologia que seja centrada nas soluções propostas pelo mesmo ou de uma que seja totalmente centrada no aluno, seguindo uma sequência gradiente que varia de A (mais restrita) a K (totalmente livre a tomada de decisão dos

alunos). A sequência didática baseada nesse modelo, classificada como nível H que é descrita como um estilo de descoberta guiada divergente, ou seja, o professor propõe desafios e problemas a serem resolvidos, simplificando ou dificultando regras e direcionando o aluno para o objetivo da aula, porém aceitando soluções para os problemas que podem divergir do pensamento do professor naquele momento, por isto o divergente.

No estudo, a intervenção de cada aula prevê as seguintes etapas: identificação e compreensão do problema, elaboração e execução de um plano e comunicação dos resultados. Esse processo estimula a autonomia dos estudantes, permitindo múltiplas soluções e integrando a autoavaliação como ferramenta para reflexão sobre a própria aprendizagem. Esta sequência tem como base o estudo de Testa e Zulliani(2018).

E quais ferramentas foram planejadas para o professor durante as aulas? Para cumprir a sequência didática, o professor fez a roda de conversa inicial para expor a atividade, onde os alunos compreenderiam os problemas relacionados a execução da atividade, cumprindo os requisitos da **identificação e compreensão do problema**.

Após isto, o professor elegeu capitães, ou líderes que ficariam responsáveis pela organização de seus times e pelo andamento da aula. Foi deixado também um tempo de planejamento, onde poderiam se reunir e definir funções e estratégias de execução da atividade, esses pontos estão relacionados à **elaboração e execução do plano**.

Após a atividade, nos reunimos novamente em roda para pensar sobre a atividade e se houver tempo, repeti-la, pensando sobre as questões que surgiram durante a execução, sejam elas relacionadas a execução do conteúdo em si ou do comportamento apresentado com relação aos pontos de avaliação.

Por último, executamos a autoavaliação, onde os alunos refletem sobre a aula de maneira individual, atribuindo notas para a aula e para o próprio aprendizado. Esta parte, tem como base a **comunicação dos resultados**, seja em roda ou de maneira individualizada, executando a autoavaliação.

## A conscientização no processo de avaliação

Acredito que a maior preocupação de um professor no exercício de suas atividades diárias, é que o seu ensino gere mudanças positivas no seu aluno, que ele adquira autonomia e que o conhecimento pule os muros escolares e se expresse na sociedade pelos seus alunos.

Na educação física não é diferente, seja uma instrução sobre higiene pessoal, o aprendizado de um jogo ou brincadeiras novas ou mesmo quando adquirem comportamentos positivos frente aos desafios enfrentados nas aulas.

Temos, no entanto, que entender que a educação é uma via de mão dupla e de que nada adianta o professor fazer os melhores esforços se o aluno não estiver disposto a absorver estes conteúdos, seja o motivo que for. Um professor pode se esforçar, mas é o aluno que se mostrará disponível a compreender aquilo que está sendo passado.

Por exemplo: uma pessoa pode passar todo o sistema escolar lendo livros, poemas e mesmo assim não adquirir gosto por aquilo, fazer somente por que exige notas, transformando em um processo cansativo e enfadonho, ao passo que outro aluno pode se apaixonar pela leitura e, portanto, absorver muito mais detalhes e gostar do processo de aprendizagem todo.

São duas pessoas distintas que, ao interagir com um objeto (a literatura), despertaram níveis de consciência muito distantes um do outro, influenciando diretamente em como todo o processo se deu.

Uma sala ou um aluno com problemas de indisciplina parece ocorrer da mesma forma. Apesar do professor alertar, pedir ou mesmo exigir que se mude a postura com relação a este objeto, cabe ao aluno compreender que, a mudança tem de partir dele mesmo. A este processo, Paulo freire deu o nome de conscientização.

Se por um lado, o ser humano pode passar sua vida toda ignorante a um objeto, ele também pode interagir com este objeto, percebendo e modificando sua maneira de enxergar o objeto, o que tende a mudar a realidade. A conscientização então é isto: interagir com um objeto, de forma que este provoque uma mudança da realidade, o que espero que tenha acontecido durante os estudos.

Da parte do professor, cabe apresentar o problema de forma clara e se, este quer que o aluno se envolva, deve buscar metodologias e formas de aprendizagem que colocam o aluno dentro do processo.

Desta forma, o processo de conscientização está profundamente ligado à participação do aluno e a como o professor incentiva esta participação, estipulando objetivos a serem alcançados durante as aulas.

Lembra que anteriormente citei que eu, em conjunto com os alunos, elenquei os problemas que dificultavam o aprendizado da turma? Eram eles: Conversas paralelas, Relacionamento com os colegas, a Coletividade, o Cuidado com os Materiais e por fim, a Aprendizagem.

A partir disto, montei uma autoavaliação, onde os alunos atribuiriam notas sobre estes pontos de avaliação, não só por si mesmos, mas pelo que observaram em sala de aula. Os rostinhos caracterizam esta proposta como uma autoavaliação de escala do tipo Likert, autor desta forma de se autoavaliar. Pessoalmente, pareceu ficar mais fácil para os alunos desta faixa de idade.

Ficou mais ou menos assim:



										0
Conversas paralelas										
Relacionamen to com os colegas										
Coletividade										
Cuidados com material										
Aprendizagem										

Os alunos tiveram dificuldades no começo em se autoavaliar, pois nunca tinham feito desta forma. Coube a mim, como pesquisador, explicar e pedir para que fizessem a autoavaliação levando em conta duas coisas: deviam fazer a avaliação com calma e de maneira honesta, verdadeira, sem tentar se atribuir notas maiores que aquelas que achavam que realmente mereciam.

Então os momentos de avaliação eram dois durante todo este processo: a autoavaliação e a roda de conversa ao final de cada aula, sendo o primeiro, feito de maneira individual e o segundo, de maneira coletiva, onde os alunos externavam como os acontecidos impactaram durante as aulas.

Foi interessante perceber que, durante as aulas, enquanto o professor propunha o conteúdo e os alunos buscavam maneiras de se organizar e executar as atividades, os pontos de avaliação estavam presentes em seus pensamentos e em alguns destes, havendo melhoras grandes na postura e autorregulação com relação a indisciplina. A este processo, Grillo e Freitas (2010) dão o nome de metacognição. Metacognição é o conjunto de conhecimentos e processos de regulação que permitem ao aluno planejar, monitorar e avaliar sua aprendizagem.

Enquanto no começo os alunos pareciam ter dificuldades com a autoavaliação, durante o processo ficou notório que os alunos procuraram a autorregulação como resolução destes problemas, tendo sempre em mente as questões da indisciplina. Isto permitiu que pensassem e adotassem estratégias que buscavam a melhoria nos pontos.

Um grande mérito deste estudo foi trazer o problema à mesa, demonstrando claramente quais eram os problemas enfrentados pela turma em específico, facilitando para que o aluno identificasse os problemas e procurasse resoluções para estes problemas.

Portanto, a autoavaliação ajudou a entender melhor o problema, o deixar mais simplificado e também o tornou relevante enquanto o conteúdo era passado, fazendo com que o aluno sempre o tivesse em mira durante as aulas.

O resultado comparado é de que as notas da aula 2 para a aula 10 tiveram um impacto de efeito grande em média, onde a maioria dos pontos trazidos tiveram grande melhora, com um efeito pequeno apenas nas conversas paralelas. Penso que o efeito pequeno tenha relação com o ambiente escolar em que vivemos atualmente, onde os alunos são impedidos de ter conversas na maioria dos ambientes. Como a educação física sempre se apresenta como um espaço onde a comunicação é incentivada, uma das possibilidades é de que os alunos usem de fato este espaço para conversar, mesmo que entendam que pode ser de certa forma prejudicial para o andamento das aulas. Outra possibilidade é de que 10 aulas não mudam um comportamento tão enraizado como as

conversas paralelas nas escolas, sendo necessário um trabalho mais longo que isto para ter um grande resultado nesta área.

Tudo isto, tem como ponto principal a aprendizagem dos alunos, função final da escola e não teria outra razão senão esta para resolver as questões de indisciplina. O resultado também foi relevante pedagogicamente falando, pois houve um impacto médio nesta área.

Creio que, com um trabalho mais duradouro, os alunos passem a se tornar cada vez mais conscientes dos problemas enfrentados pela turma com relação a indisciplina e que o aprendizado seja o principal beneficiado deste processo.

Também entendo que a forma como fiz, não é única. Apesar de defender e entender a autoavaliação como imprescindível como ferramenta conscientizadora, acredito que durante um ano, o professor possa adotar outras formas de executar, pode colocar uma autoavaliação após uma sequência didática de 2 ou mais aulas, pode mudá-la caso se sinta satisfeito com um dos pontos avaliados, caso sinta necessidade de colocar outro ponto e assim por diante.

Ainda vale lembrar que isto depende da maturidade do aluno também, acendendo uma curiosidade em saber como seria a aplicação desta autoavaliação em alunos de idades diferentes e seus respectivos resultados.

## As aulas e algumas explicações sobre elas

Como dito anteriormente, procurei buscar aulas que fossem comuns e facilmente aplicáveis no cotidiano. Foram feitos dois grupos: Das aulas 2 a 5, o grupo das atividades competitivas e das aulas 6 a 10, o grupo das atividades cooperativas. Também dividi a sequência didática em duas formas: As atividades competitivas seriam aplicadas em aulas duplas, enquanto as atividades cooperativas seriam em aulas individuais.

A tentativa era perceber se havia melhora da aula 1 do conteúdo para a 2 nas atividades competitivas, enquanto nas aulas cooperativas, a tentativa era perceber a flutuação de comportamento se tivessem uma aula apenas de cada conteúdo.

Nas aulas 2 a 5, fizemos aulas duplas – com os jogos oh my god e também o jogo do pique bandeira.

Os jogos de natureza competitiva demandam uma maior comunicação, combinados, orientação e necessitam que se trabalhe a ética da competição.

Na roda inicial, foi muito importante deixar claro como seriam as observações durante as aulas, como nos avaliáramos e também sobre os momentos das aulas.

Como ferramentas, o professor passou a escolher capitães, que teriam como função orientar, ajudar e dar a palavra final sobre como desenvolveriam as atividades caso houvesse discordância.

O segundo momento, foi o de preparação: o professor deixou um determinado tempo para que os alunos deliberassem sobre como executariam as atividades, sendo repetido o momento se a atividade fosse ser executada mais de uma vez. Foi interessante porque esta turma em específico apresentava problemas no relacionamento entre os colegas e também na coletividade(ou na falta dela) e ao adotar este momento, junto com a ideia de que fariam a autoavaliação após cada aula, juntamente com a responsabilidade de tentar fazer juntamente ao professor dar certo, os alunos passaram durante as aulas a ter diálogos cada vez mais assertivos, um respeito maior na comunicação e um melhor aproveitamento quando se tratava de combinar estratégias para jogar os jogos.

Da aula 2 a 5, houve um desenvolvimento muito bom quando se tratava do momento de preparação, bem como a comunicação entre os alunos.

Houve também, a necessidade da intervenção do professor. Como estávamos adotando o estilo H na escala de Mosston, deveria trazer os problemas observados à mesa. Na atividade do Oh my god, os alunos pertencentes ao time que queimava começaram a atividade de maneira agressiva, jogando a bola com força nos participantes do outro time. Foi necessária a intervenção e perguntar aos alunos se aquilo era realmente necessário, se não estavam levando seus parceiros ao risco e como resolveriam este problema. Os alunos optaram pelo fairplay de não arremessar no rosto e de jogar com força somente no castelo. Houve outras situações como o infringimento de regras: alguns alunos não falavam a palavra “oh my god” quando terminavam de montar o castelo e, portanto, não recebiam os pontos. Os próprios alunos entraram em acordo que não deveria se retirar a obrigatoriedade e que, por representar o nome do jogo, deveria ser falado por todos. O jogo oh my god em si foi muito interessante como introdução aos jogos competitivos pois sua lógica interna é fragmentada: os alunos focam somente em montar o castelo ou somente em queimar os alunos que montavam, tornando o jogo mais fácil de absorver e entender os detalhes.

Já o próximo jogo, as lógicas se tornam mais difíceis, pois no pique bandeira o time deve defender e atacar ao mesmo tempo, ficando mais aberto às decisões dos alunos conforme sua função.

Há um relato muito interessante que, mesmo com o tempo de preparação, os alunos acabavam por abandonar suas funções combinadas, tornando o jogo caótico e terminando rapidamente. Houve frustração por parte de um capitão, que foi congelado e lá ficou até o fim do jogo durante a aula 4. Já na aula 5, houve um avanço grande no tratamento entre colegas e também no entendimento das funções, isto não aconteceu a toa, foi fruto das conversas na roda final e de observações que o professor fez, bem como da melhoria do entendimento do jogo. Este mesmo capitão, foi salvo algumas vezes durante a atividade, se comunicando de maneira mais assertiva com seus parceiros. O jogo também mudou: foram jogos mais longos e mais proveitosos no sentido tático da atividade.

Isto demonstra que, repetir a atividade, independentemente se for em aulas seguidas ou com um intervalo maior, traz consigo a possibilidade do aluno de executar a atividade novamente, porém com uma bagagem maior. No entanto, Darido (2021) relata que a repetição exaustiva dos mesmos conteúdos desde os primeiros anos de contato

com a educação física, gera afastamento e baixa participação dos alunos, portanto é necessário entender que precisamos buscar um equilíbrio entre a repetição e a renovação das atividades, com o objetivo de manter a participação sempre alta.

Já nas aulas 6 a 10, tivemos atividades cooperativas e as principais mudanças, foram na forma de se comunicar. Se nas atividades competitivas a comunicação principal vinha de uma forma preparatória na atividade, neste momento a comunicação passou a ser ativa e a acontecer a todo momento e não predominantemente pelo capitão, mas sim por todos os participantes.

Se antes lá a comunicação era estratégica, com o intuito de ter vantagem na execução da atividade, aqui a característica de levar vantagem some e todos passam a ter uma comunicação maior no sentido de orientação para ter sucesso na atividade.

Mas não se engane, esta competência a ser trabalhada (comunicação) é complexa e, apesar das melhores notas na autoavaliação terem aparecido nas aulas 8, 9 e 10, a aula 7 representou uma queda muito grande nas notas, demonstrando que o cotidiano escolar não é previsível a ponto de achar que não vão haver pontos baixos durante as aulas só por que mudou a metodologia ou que está trabalhando ativamente as questões relacionadas a indisciplina.

É importante notar que, estou relatando apenas as diferenças apresentadas que foram notadas durante a minha intervenção com os alunos relacionadas a natureza das atividades, sem fazer julgamento de valor do que é mais adequado ou não, até porque não era isto que estava sendo estudado. O principal era notar o desenvolvimento das questões relacionadas a indisciplina ao interagirem com as ferramentas dadas, que foram: roda de conversa inicial, tempo para planejamento coletivo dos alunos, participação ativa na resolução dos problemas relacionados as atividades, a roda de conversa final e por fim, a autoavaliação, que foi determinante para que os alunos observassem os acontecimentos nas aulas de maneira crítica.

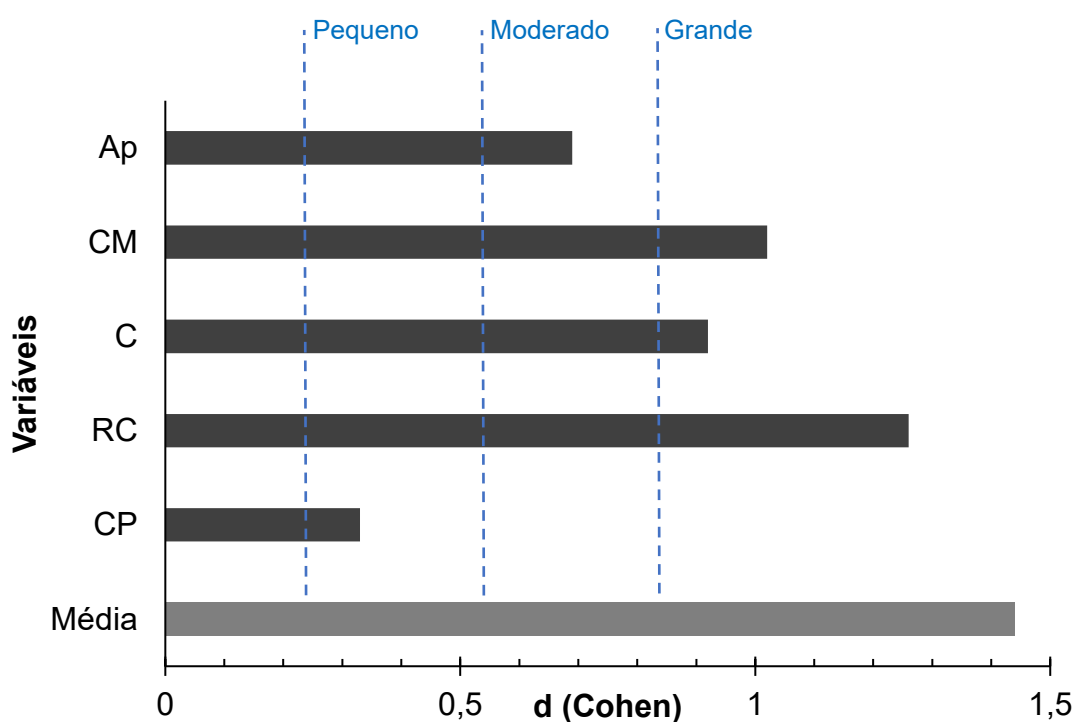
O fato, como pode ser visto no estudo é de que tanto na visão do professor quanto na visão dos alunos, houve uma melhora grande na maioria dos pontos avaliados, impactando diretamente no comportamento deles em uma intervenção que foi curta, porém significativa do ponto pedagógico, mostrando potencial para colaborar com um ambiente que de fato seja de aprendizado e de desenvolvimento do autodomínio do aluno.



## Conclusões

Bom, percorremos este caminho para aqui discutir os resultados obtidos. Tentei explicar de maneira resumida, porém prática os caminhos adotados no estudo. Aqui nas conclusões então espero discutir os resultados brevemente e propor um guia prático, objetivo deste ebook.

Lembra dos questionários de autoavaliação? Pois bem, agrupamos por aula, tiramos a média atribuída pelos alunos e comparamos a primeira aula prática do estudo (aula 2) com a última (aula 10). Observe os resultados:



CP - conversas paralelas, RC - relacionamento com o colega, C - Coletividade, CM - cuidado com os materiais, AP – aprendizagem, n – número de participantes, p – significância da diferença, d – tamanho do efeito

Como podemos reparar, tivemos um impacto positivo em todas as áreas.

Em cuidados com os materiais, coletividade e relacionamento com o colega, tivemos um impacto considerado grande. Coletividade e relacionamento com o colega dependiam diretamente de uma melhora relacionada a comunicação entre eles, bem como um movimento empático de inclusão dos companheiros. No cuidado com os materiais, dependia do bom uso do material, sem que gere riscos aos colegas (enrolar a corda no pescoço do companheiro, chutar a bola forte em direção aos colegas bem como objetos como cones, etc) além de termos combinado quando as aulas não usavam

materiais, consideraríamos este ponto para avaliar o cuidado que tivemos com os colegas.

Além de uma melhora na execução das atividades, percebi um avanço no cuidado com o próximo, seja em questões relacionadas a violência verbal, como também física, com alunos tendo um melhor senso coletivo sobre seu impacto nas atividades.

Já nas conversas paralelas, principal problema enfrentado pela turma, tivemos um impacto pequeno. Percebemos que, apesar dos alunos terem ciência de que este ponto a ser avaliado atrapalhava a aula, era também o mais difícil de lidar. Era uma questão cultural desta turma em específico e não seria tão fácil de trabalhar.

Entre as possibilidades que percebi, entendo que os alunos veem o espaço da educação física e o fato de a comunicação ser incentivada, um espaço onde podem conversar mais com seus pares, se divertir enquanto fazem as atividades e acabam em alguns momentos por exagerar neste ponto. Outra questão é que por ser uma intervenção curta, talvez esta questão seja mais difícil e complexa de se resolver que as outras apresentadas até então.

E por fim, o aprendizado, que é de questão individual, teve efeito médio. Se ele é impactado por todos os outros pontos de avaliação, fica claro que a questão da conversa paralela o impediu de ser ainda mais impactante do que já foi.

Vendo por cima, um professor consegue identificar ainda que a questão da conversa paralela merece mais atenção e que se a intervenção fosse continuar ao longo do ano, seria interessante se mudar estratégias e também voltar o foco diretamente para este ponto enquanto se desenvolvem as aulas e seus conteúdos.

Dentro de nosso estudo, buscamos limitar, para que o objetivo deste não se perca. Porém se hoje fosse executar a pesquisa novamente, já sabendo como as coisas se desenrolaram, penso que poderia fazer as coisas de forma diferente.

Considerando que a questão da indisciplina não é um problema específico da educação física, poderíamos mapear as questões de indisciplina para além deste espaço e tentar compreender quais problemas se manifestam de forma recorrente e maneiras de enfrenta-lo.

Por exemplo: diretor, coordenador, inspetores e outros trabalhadores da unidade escolar, poderiam mapear questões de indisciplina no intervalo da escola, em eventos como apresentações na escola e assim por diante.

Já na área pedagógica, seria interessante a opinião de outros professores sobre a turma e a adoção de estratégias em comum, bem como o acompanhamento do desenvolvimento dos mesmos conforme o ano vai passando. A impressão que tenho é de que uma escola bem coordenada neste sentido faria um trabalho mais efetivo que apenas um professor.

## Um breve guia prático

Aqui nesta parte, vou indicar como faria o processo se fosse começar novamente, pensando mais em uma turma em que darei aulas o ano todo, sem a limitação de tempo de uma pesquisa.

### Passo 1: Escolha da metodologia

A escolha da metodologia de resolução de problemas é sem dúvida a metodologia com maior possibilidade de intervenção em todas as fases do ensino básico. Permite que se trabalhe o conhecimento de uma maneira diferente, trazendo o aluno para o centro do processo de ensino aprendizagem.

Desde o ensino infantil, o professor pode fazer pequenos desafios, manipular as regras e lançar problemas para que os alunos resolvam. Por exemplo: Em uma brincadeira de corda, onde os alunos passam por baixo ou por cima da corda de acordo com a altura que o professor coloca, pode se lançar problemas como: Agora não podemos passar por baixo colocando os joelhos no chão, como faremos para passar por baixo? As respostas podem ser inúmeras e todas podem ser válidas desde que não infrinjam as regras básicas impostas, que neste caso eram: - Passar por baixo da corda; - Não encostar o joelho no chão.

Conforme vamos indo para os ciclos do ensino fundamental e médio, podemos dar cada vez mais autonomia nas atividades, designando funções como as de capitão, juiz, torcida organizada e claro de jogadores. Este estímulo tende a ampliar o conhecimento do aluno naquele conteúdo, já que cada função exige um melhor entendimento de cada área deste conteúdo. Por exemplo: Ao deliberar um juiz, este deverá compreender as regras do jogo e como aplica-las, além do exercício da

imparcialidade exigido para a função. Cabe ao professor monitorar e orientar sobre estes processos para que a aula tenha sucesso.

Nos anos finais do ensino fundamental e médio, as possibilidades são enormes devido a autonomia dos alunos. Sem perder de vista que ainda são alunos, o professor pode propor a organização de pequenos eventos e campeonatos no cotidiano escolar em conjunto com os alunos, que podem exercer múltiplas funções do processo, deliberando as regras e sendo corresponsáveis pela execução.

## Passo 2: Defina os problemas de indisciplina a serem enfrentados

A definição dos problemas é um passo importante. No estudo, pegamos a primeira aula para definir junto aos alunos os problemas a serem enfrentados.

Um passo muito importante neste caso é pensar na indisciplina como comportamentos que acabam contribuindo para atrapalhar o aprendizado. Como exemplo temos o conteúdo, como o conteúdo é dado, a relação dos alunos com o professor, a relação dos alunos com os colegas, o cuidado com os materiais, a violência, se o aluno cumpre as tarefas e como cumpre e assim por diante.

Ouvir os alunos nos esclarece também o que os incomoda. É equivocado compreender o aluno como sujeito passivo do processo, ao passo que o aluno ao participar da formulação deste passo pode acrescentar problemas que não são identificados pela ótica do professor.

## Passo 3: Crie uma forma de avaliar o enfrentamento a estes problemas

Se o objetivo do estudo é fazer com que o aluno se torne mais consciente ao passo que este participa ativamente do processo, o método avaliativo que escolhi foi o da autoavaliação.

A percepção que tive foi que consegui estender a discussão da aula 1 para todas as outras aulas quando combinamos os pontos de autoavaliação. Dado certo momento da intervenção, percebi que os alunos executavam as atividades enquanto percebiam os pontos relacionados a indisciplina acontecendo.

Foi necessário na aula 1 trazer os alunos para a conversa e verificar se o que os incomodava, incomodava a mim também. Tendo em mente que o objetivo final era criar

ou desenvolver comportamentos que melhorassem o desenvolvimento das aulas e o aprendizado, foi feita uma discussão com os alunos e estes acrescentaram muito. Dos 5 pontos de avaliação criados neste estudo, 2 partiram totalmente deles e nos outros também construíram o conceito de como avaliaríamos.

No começo (aulas 2 e 3), percebi que os alunos tinham dificuldades e até certo receio de executar a autoavaliação, demorando até 10 minutos para se autoavaliar. Tinham dúvidas quanto aos pontos levantados e o que significavam, mas também tinham a insegurança do erro, como se fossem ser repreendidos por pedir outro papel para avaliar, algo que não existiu.

Coloquei apenas algumas regras para a execução da autoavaliação: Eles fariam sozinhos, com exceção dos alunos de inclusão e fariam de maneira honesta, ou seja, não colocariam apenas 10 em todos os pontos sem que pensassem, sob pena de ter que fazer de novo.

Ao verem que a autoavaliação não os puniria com notas baixas se assim avaliassem os pontos, os alunos se sentiram seguros para fazer de maneira honesta e ao entenderem sobre o que avaliava cada ponto, começaram a transferir os comportamentos desejados para cada aula, principalmente na parte da comunicação como antes relatado neste ebook.

Por exemplo: a questão da coletividade falava sobre a inclusão dos parceiros na execução da atividade e na divisão do protagonismo, sendo que quanto mais o aluno fosse centralizador, menos coletiva sua equipe seria, ao passo que o inverso também é verdadeiro. É visível que os alunos passaram a se comunicar com o objetivo de orientar seus parceiros, principalmente nas aulas finais, onde a divisão de tarefas e a inclusão do próximo passava pelo fato do aluno mais centralizador da atividade confiar que seu parceiro estaria apto a fazer o que acreditava ser o correto, por isso o orientava ativamente em como executar. O objetivo da aula sempre foi o catalizador, mas como dito, os pontos de avaliação serviam como base de execução da atividade.

Com os alunos adaptados, se tornou mais fácil executar a autoavaliação: demoravam de 3 a 4 minutos no fim da aula para fazer e entregar ao professor, dentro deste modelo que foi apresentado neste ebook. Os rostinhos da escala Likert ajudavam o aluno a situar seus sentimentos com relação a cada ponto e avaliar a partir dali. Após isso, era só marcar o X no ponto que achavam mais adequado.

Lembrando que os pontos avaliados por cada aluno, podem ser individuais, como o aprendizado (você considera que aprendeu nesta aula?) ou coletivos como relacionamento com o colega (você e seus colegas se comunicaram de maneira respeitosa nesta aula?).

Acredito que existem algumas formas de se fazer a autoavaliação, sem a necessidade de ser no fim de cada aula, como foi feito neste estudo, cabe ao professor ver suas possibilidades e encontrar a maneira mais adequada de se fazer. Se for sobre comportamentos, talvez o modelo onde tenham que se autoavaliar com mais frequência seja mais adequado, mas acredito que se tenham formas de se imaginar como executar.

O que importa neste caso, é de que os alunos tenham a capacidade de absorver sobre o que cada ponto avaliativo aborda e que tenham a possibilidade de exercitar estes pontos durante as aulas.

Cada turma apresentará suas especificidades e é função do professor refletir de maneira ativa sobre os problemas dos alunos.

#### Passo 4: Utilize ferramentas para ajudar os alunos a alcançarem os objetivos

É inegável que na educação física a conversa e a comunicação estejam muito presentes, se tornando a principal ferramenta de trabalho em muitos momentos. É claro, o professor pode fazer o uso da sala, usar recursos audiovisuais para mostrar vídeos e atividades que não conseguiria mostrar no chão de quadra, mas em via de regra estamos nós com a turma, sem suporte de lousa para explicar a atividade, a regra, os procedimentos e fazer com que se tenha sucesso na atividade.

Este processo todo exige que a comunicação seja boa e não somente por parte do professor. Os alunos devem adquirir esta habilidade de maneira objetiva e eficiente, saber distinguir os momentos onde a comunicação deve ser assertiva e os momentos onde a comunicação pode ser mais tranquila e relaxada.

Reforço novamente aqui: No estudo, percebi que os alunos acabaram evoluindo muito nesse quesito, principalmente na comunicação empática com os pares e na organização das atividades.

No entanto, a questão das conversas paralelas permaneceu um desafio a ser enfrentado, devendo ser levado em conta o tempo da intervenção e a maturidade dos alunos do ciclo 1 do ensino fundamental.

Também vejo de forma complementar a isto, as metodologias abertas trazem consigo a ideia da responsabilidade do aluno sobre o andamento da aula, o que por si só faz com que ele passe a ser mais assertivo ao campo da comunicação, já que se for displicente neste caso, a aula fatalmente não será produtiva.

Veja o paralelo: O professor que controla todo o movimento se desgasta para controlar a conversa e o foco dos alunos, para controlar a execução e fica como responsável único pelo sucesso ou fracasso da mesma, não provocando muitas vezes reflexões sobre a responsabilidade dos alunos nas aulas.

Obvio que o contexto importa: As vezes podemos ser mais controladores a depender da aula e do que ela exige, mas considero extremamente desgastante ser assim o tempo todo.

A proposta então é dividir o fardo enquanto faz o aluno refletir sobre a própria postura, afim de que em algum momento este desenvolva competências que levará para a vida toda.

Disto isto, faria da seguinte forma:

**Rodas de conversa iniciais** têm uma proposta muito interessante. O primeiro ponto é de que se impõe um dialogo antes de executar a atividade e o movimento de autocontrole dos alunos já inicia aí: Quanto mais interrompem, menos tempo temos de aula.

Este é o momento principal do professor, onde explicará a atividade, quais desafios propões e quais as regras impostas logo neste momento.

Também é um momento muito importante para **antecipar** os riscos envolvidos na atividade e comportamentos não desejados como o mau uso de materiais, a comunicação ruim, dando dicas de como devem fazer para ter sucesso. Esta parte envolve muito da experiencia do professor no chão de quadra, quantas vezes fez a atividade e quais os problemas são recorrentes da mesma.

Se eu sou um professor iniciante, não há problema: É preciso ser envolvido com a atividade e aprender conforme vai fazendo. Acredite: Um professor que testa novas

atividades com 20 anos de profissão, ainda não conseguirá ser perfeito apesar da bagagem, então o método é o mesmo para todos.

**Momento para o planejamento:** O momento do planejamento dos alunos, onde se reúnem em roda e decidem como fazer, seja em um grande grupo, pequenos grupos ou em dois grupos em atividades competitivas, traz consigo um momento cognitivo importante para os alunos. Neste momento específico, eles sentem a responsabilidade em executar a atividade da forma mais correta possível, trabalham a comunicação e tentam atribuir funções para ter sucesso na atividade.

O professor pode lançar mão do uso de capitães, que serão os alunos que tomarão a maioria das decisões finais. O capitão pode tomar muitas facetas: de ser o que demanda mais dos outros, do que ouve mais o que se tem de fazer, permitindo maior participação ou mesmo ser o centralizador das ações. Cada faceta produz um resultado diferente e é importante o professor estar atento neste momento para que ele seja de fato positivo.

Um capitão pode se comunicar de maneira mais agressiva ou mais branda, pode até mesmo na prática não exercer suas funções se o professor não o ajudar.

No estudo, fiz de maneiras diferentes: Coloquei alunos mais experientes em uma atividade, coloquei alunos de gêneros diferentes em cada grupo, coloquei alunos do mesmo gênero e também alunos que tinham personalidade introspectiva para a função.

Os resultados foram múltiplos, mas não deixaram de ser exercícios valiosos. Uma percepção que tive: alunos desta idade ao escolherem times, escolhiam times baseados em suas relações pessoais e também no gênero, tentando não misturar. Em uma ocasião onde escolhi duas garotas para escolherem os times, mesmo alertando que a escolha era muito importante e que poderia ser feita com base nas necessidades da tarefa a ser executada, escolheram baseados nas amizades. O resultado foi que uma garota ao não ser escolhida para o time da amiga, pois foi escolhida para o outro grupo antes, relutou em participar e mesmo com a vitória do seu time, colocou que a aula foi ruim em vários fatores na autoavaliação, enquanto julgou o aprendizado ter sido positivo.

Um outro ponto é que mesmo sendo atividades curtas, como por exemplo uma partida de pique bandeira que dura em média 10 minutos, ao repetir a atividade, repetíamos este momento de planejamento também, para que os próprios alunos revessem o planejamento e tentassem executar melhor. Faz parte do professor fazer

perguntas que causem a reflexão sobre o que foi bom e o que foi ruim na execução anterior, admitindo que múltiplas respostas diferentes possam sair para a próxima execução.

Este momento pode durar pouco tempo, na minha prática, duravam entre 2 a 4 minutos.

Desta forma, este espaço é muito rico para o desenvolvimento pessoal do aluno, de sua autonomia e também da sua capacidade de planejar de acordo com os desafios a serem enfrentados na aula ou problemáticas levantadas pelo professor.

**Roda de conversa final:** Este espaço tende a ter uma maior participação dos alunos. O professor neste momento deve ser o provocador ao repercutir o resultado final da aula, falando sobre momentos que foram relevantes, os pontos altos e baixos, atitudes dos alunos e deixando com que falem. Neste momento, os alunos passam a ver um pouco de fora sobre o que foi executado e passam a avaliar a sala e a si mesmos, num movimento natural de retrospectiva.

De fato, este momento pode ser muito rico, mas depende diretamente do foco dos alunos na execução e de fazer de fato o exercício de avaliar o que foi feito na aula. Muitos podem simplesmente estar descansando ao invés de avaliar, usam o momento para descansar da prática. É importante que o professor por ser o mediador, passe a provocar estes alunos a participarem. Por ser um momento final da aula, que dentro da realidade de uma aula de 50 minutos deve ser curto, não contemplará totalmente o exercício de consciência, seja pela participação do aluno, seja pelo foco dos alunos na conversa. Por muitas vezes, os alunos acabam expondo insatisfações que por consequência se tornam em discussões que não permitem que o professor consiga tocar de maneira crítica em todos os pontos.

## Sequência Didática

Compartilho brevemente as aulas que realizei durante a intervenção, caso possa ajudar.

### Aulas 2 e 3

**ATIVIDADE:** Jogo *Oh My God*

**Sequência de atividades:** Alunos em roda para a explicação da atividade; planejamento dos times; execução do jogo; roda de conversa para discutir a prática da atividade; autoavaliação em sala.

**Descrição do jogo:** Dois capitães, escolhidos pelo professor, escolhem alternadamente os alunos para o jogo, de acordo com suas próprias bases de escolha. Após a formação, haverá duas rodadas em que os times alternarão suas funções: time que monta o castelo e time que destrói o castelo.

**Time que monta o castelo:** Fica em fila indiana. O aluno da frente deve correr, esquivando-se das bolas que podem queimá-lo, tentando montar o castelo que, em nosso contexto, é composto por uma base de três cones, uma prancha de EVA pequena e um cone sobre esta. Em seguida, deve passar a perna por cima do castelo em



um movimento de arco enquanto fala "oh my god!" e, então, destruí-lo para que passe a vez ao próximo aluno. Caso seja queimado, deve seguir para o final da fila, onde terá nova chance quando chegar sua vez novamente. Há ainda a possibilidade de se defender das bolas lançadas com a prancha e também de chutar as bolas que não estão em movimento.

**Time que queima/destrói:** Metade do time fica de um lado da quadra e a outra metade do outro lado; o meio que os separa é o local onde o time adversário deve atuar para montar o castelo. Em nosso contexto, demarcamos a área em que não podem entrar para queimar o adversário como as linhas paralelas da quadra de vôlei, sendo esse espaço passível de invasão apenas quando a bola fica parada e o adversário não a



chutou; nesse caso, deve-se voltar para o espaço válido (após essas linhas) para poder queimar novamente. Os alunos, dentro do tempo determinado anteriormente, devem tentar derrubar o castelo formado ou queimar os alunos que tentam montá-lo, impedindo ao máximo possível a montagem de castelos.

Cada castelo contabiliza um ponto para o time que o monta durante o tempo válido, que, em nosso contexto, variou de 3 a 5 minutos para cada time. Ao final da rodada, os times alternam a função; vence o time que mais montou castelos.

## Aulas 4 e 5

**ATIVIDADE:** *Jogo pique-bandeira*

**Sequência de atividades:** Alunos em roda para a explicação da atividade; planejamento dos times; execução do jogo; roda de conversa para discutir a prática da atividade; autoavaliação em sala.

**Descrição do jogo:** Jogo competitivo em que os dois times devem invadir o campo adversário e recuperar as bandeiras para o próprio campo. O jogo termina ao final do tempo estipulado, quando um dos times conseguir todas as bandeiras ou quando um



time conseguir congelar completamente o time adversário.

As regras variam conforme o campo em que o jogador se encontra. No campo de defesa, o jogador atua como pegador: ao capturar um adversário, este fica congelado até que alguém do próprio time o descongele. No campo de ataque, o aluno perde a função de pegador e passa a ser fugitivo, devendo chegar aos piques (área atrás do gol), recuperar uma bandeira e tentar retornar ao seu campo sem ser pego pelo time adversário.

A quadra completa foi utilizada para a prática do jogo, sendo dividida pela linha central entre os campos de cada time. Demarcou-se os piques como a área atrás do gol, onde os pegadores não podem entrar; nessa atividade, os piques apresentavam cor azul, facilitando sua identificação. Na aula 5, o momento da conversa inicial se retomou as

experiências vividas na aula 4, e de maneira coletiva, apontaram os pontos positivos e negativos da vivência, buscando aprimorar nesta aula.

## Aula 6

**ATIVIDADE:** Brincadeira Ponte e Túnel

**Condições do tempo:** Ensolarado

**Local:** Quadra coberta, exclusivamente para a turma

**Condições de aula:** Boas

**Sequência de atividades:** Alunos em roda para a explicação da atividade; execução da atividade; roda de conversa para discutir a prática; autoavaliação em sala.

**Descrição da atividade:** Jogo cooperativo em que os alunos devem planejar-se e comunicar-se para que a atividade ocorra adequadamente. Na ponte, os alunos se deitam em fila; um aluno voluntaria-se para atravessar a ponte, deitando-se sobre os braços das duplas, que devem comunicar-se e encontrar formas de impulsioná-lo até o final da ponte. No túnel, os alunos formam fila indiana com as pernas entreabertas; o último da fila passa por entre as pernas até o final. No contexto desta atividade, o professor posicionou objetos distantes que os alunos deveriam buscar, locomovendo-se ao longo da fila.



## Aula 7

**ATIVIDADE:** Volençol

**Condições do tempo:** Ensolarado

**Local:** Quadra coberta, exclusivamente para a turma

**Condições de aula:** Boas

**Sequência de atividades:** Alunos em roda para a explicação da atividade; execução da atividade; roda de conversa para discutir a prática; autoavaliação em sala.

**Descrição do jogo:** O volençol exige dois lençóis, que, em nosso contexto, foram confeccionados em TNT, e bolas diversas. Para ambientar a turma, iniciaram-se exercícios como caminhar em volta da quadra em dois grupos iguais segurando os lençóis; realizar manutenções da bola sobre o lençol, fazendo-a rodar entre os participantes; e arremessar a bola para o alto, amortecendo-a com o lençol. Como desafio, chegou-se ao ponto de enviar a bola para o time adversário, simulando trocas de passe.



## Aula 8

**ATIVIDADE:** Jogo do Sorvete

**Sequência de atividades:** Alunos em roda para a explicação da atividade; execução da atividade; roda de conversa para discutir a prática; autoavaliação em sala.

**Descrição do jogo:** Cada aluno necessitava de um cone para o início do jogo. Para familiarizar-se com o gesto, dividimos a turma em pequenos grupos e distribuímos uma bola de iniciação esportiva para cada grupo. O primeiro exercício consistiu em segurar o cone de modo a assemelhar-se a uma casquinha de sorvete e colocar a bola na base do túnel, formando o “sorvete”. O aluno, então, deveria lançar a bola a um parceiro, que

tentaria amortecê-la com a base do túnel da casquinha, realizando trocas de passe de forma aleatória.

O segundo exercício foi lançar a bola o mais alto possível e amortecê-la com a “casquinha”. Em seguida, o professor reduziu a atividade para metade da quadra e propôs um desafio: os alunos corriam aleatoriamente pela quadra e congelavam ao apito do professor. O docente colocava a bola na “casquinha” de um aluno e indicava outro para o qual a bola deveria chegar sem tocar o chão. As regras foram sendo ajustadas conforme a dificuldade, com indicações de alunos próximos para onde a bola deveria ser direcionada e concessão de chances caso a bola caísse no chão.

Como variação final, o professor posicionou um balde em um canto da quadra, colocou-se em lado oposto com várias bolas e desafiou os alunos a organizarem-se e posicionarem-se de modo ideal para que a bola alcançasse o balde.



## Aula 9

**ATIVIDADE:** Ginástica geral

**Sequência de atividades:** Alunos em roda para a explicação da atividade; execução da atividade; roda de conversa para discutir a prática; autoavaliação em sala.

**Descrição da atividade:** Em duplas, o professor propôs movimentos próprios da ginástica geral, orientando que um aluno executasse o movimento e o outro fornecesse feedback sobre a execução. Iniciou-se com movimentos de equilíbrio, como manter-se em uma



perna só, o avião, a ponte e a vela. Em duplas, realizou-se o carrinho de mão, alternando as funções dos alunos. Em quartetos, os alunos montaram uma pirâmide, encerrando as atividades.

## Aula 10

**ATIVIDADE:** Caça-palavras

**Condições do tempo:** Ensolarado

**Local:** Escola inteira

**Condições de aula:** Boas

**Sequência de atividades:** Alunos em roda para a explicação da atividade; execução da atividade; roda de conversa para discutir a prática; autoavaliação em sala.

**Descrição da atividade:** Previamente, o professor colocou as pistas em locais escondidos na escola, numerando-as para evitar que os alunos trouxessem pistas erradas. Em roda, o professor pediu que se formassem três grupos para a execução da atividade. Explicou as implicações de seguir as regras durante a busca e orientou que os alunos deveriam comunicar-se para desvendar as pistas.



A cada rodada, o professor solicitava que um aluno de um grupo escolhesse um número. Esse número correspondia a uma pista; o grupo deveria desvendar a pista e trazê-la ao professor. Ao entregar a pista ao professor, o grupo ganhava um ponto e recebia um ponto extra caso todo o grupo executasse o desafio de ginástica indicado no verso da pista.

**Exemplo:** Número: 3 Pista: “Estou onde descansam os cansados.” Resposta: Embaixo de um dos bancos externos da escola. Desafio de ginástica: todos os participantes do grupo devem executar uma estrelinha.



## Por fim...

O estudo não solucionou todos os problemas da turma, muito menos julgou ter capacidade para isto. O que fizemos foi criar formas de enfrentamento dentro das aulas, buscando desenvolver a consciência do aluno sobre a questão e tentando tornar o ambiente o mais saudável para todos: para o professor que com todas as razões se vê exausto e para o aluno, que necessita que a escola funcione da melhor forma possível, que o valorize e demonstre na prática a possibilidade de a escola ser um local que lhe apresente um ambiente adequado para o seu desenvolvimento.

Contudo, acredito que este estudo possa ser replicado em inúmeras realidades e que o problema da indisciplina possa ser enfrentado com dignidade, dando ao aluno e ao professor a capacidade de continuar nesta dura e recompensante caminhada do ensino.

Te convido a ler o estudo completo e, se possível, ampliar e desenvolver o conhecimento sobre a indisciplina, contribuindo para que a escola seja um local onde todos queiram estar.

## Referências:

BOARINI, M. L. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 17, p. 123–131, 2013.

DARIDO, S. C.; GONZÁLEZ, F. J.; GINCIENE, G. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar. In: PROEF – Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. *Problemáticas da Educação Física*. 2021. p. 105–120.

DOS SANTOS BARBOSA DA SILVA, M.; KASSEBOEHMER, A. C. Comparative analysis of chemistry teaching in city center and suburban public schools in Brazil: how school reputation and social profile influence chemistry teaching and high school students' performance in science. *Cultural Studies of Science Education*, p. 985–1019, 2023.

GARCIA, M. M. A. Didática e trabalho ético na formação docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, p. 225–242, 2009.

GONZÁLEZ, F. J. Educação Física escolar: entre a “rola bola” e a renovação pedagógica. In: PROEF – Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional. *Problemáticas da Educação Física*. 2021. p. 130–145.

GRILLO, M. C.; FREITAS, A. L. S. Autoavaliação: por que e como realizá-la. In: \_\_\_\_\_. *Por que falar ainda em avaliação*. 2010. p. 45–49.

MOSSTON, M.; ASHWORTH, S. *Teaching physical education*. First online edition. 2008. Disponível em: <https://www.spectrumofteachingstyles.org/e-book-download.php>. Acesso em: 10 mar. 2024.

OLIVEIRA, P. C.; CARVALHO, P. A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire. *Paideia*, v. 17, p. 219–230, 2007.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. *Education in Brazil: an international perspective*. Paris: OECD Publishing, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/60a667f7-en>. Acesso em: 10 mar. 2025.

TESTA JUNIOR, A.; ZULIANI, S. R. Q. A. Metodologia baseada na resolução de problemas aplicada às aulas de educação física na perspectiva da educação para a saúde. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidad del Salvador, 2012.

TIBA, I. *Disciplina: limite na medida certa*. São Paulo: Integrare, 1996.